

Apoio



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

Realização



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

COLEÇÃO **MAIS PAIC**
MAIS LITERATURA

Este livro integra a Coleção Juvenil MAIS PAIC MAIS LITERATURA, composta de crônicas, contos, novelas, romances, cordéis e poesias. Escrita e ilustrada por autores do Ceará, ela traz aventuras desafiadoras, existenciais, em cenários da cultura e da história local. Sua temática constitui estímulo a mais para se ler e dialogar nos Clubes de Leitura dos 6° e 7° anos das escolas públicas do Ceará.

Saiba mais: <http://www.paic.seduc.ce.gov.br>

ISBN 978-85-8171-218-5

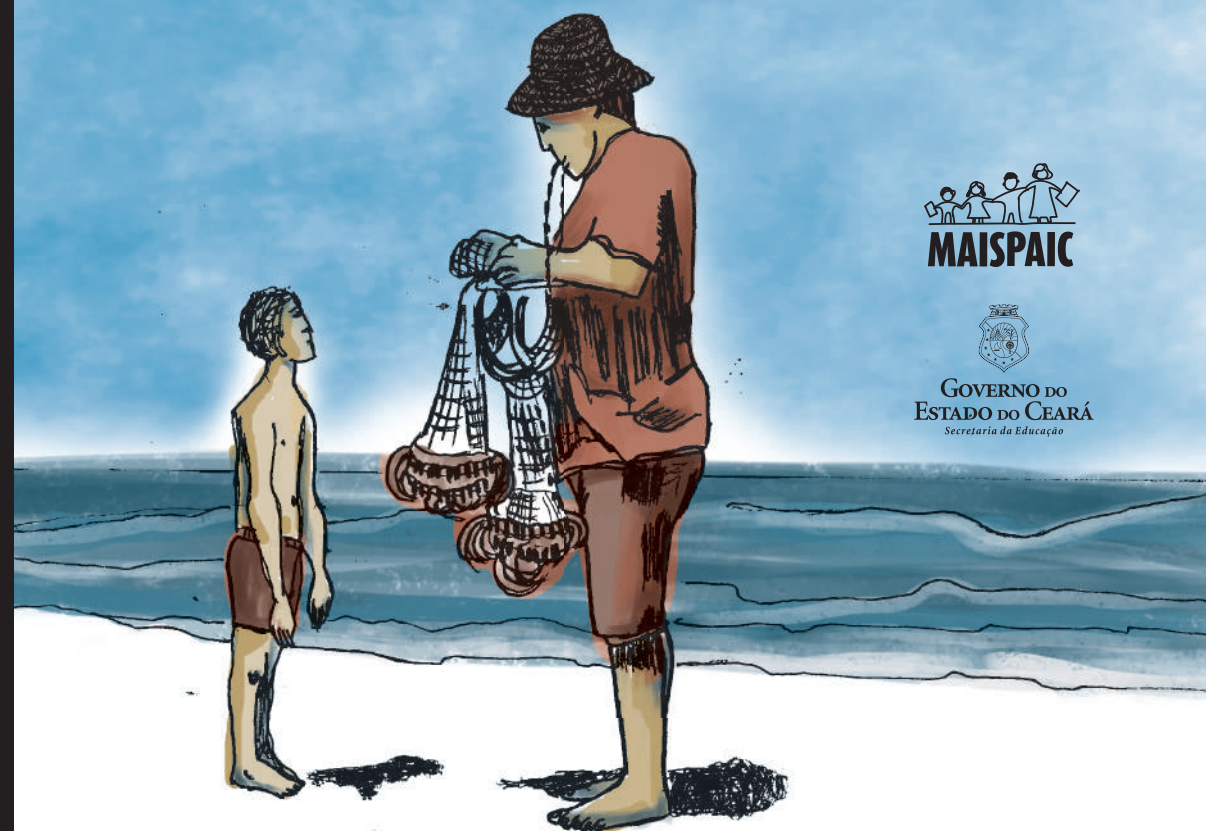


9 788581 712185

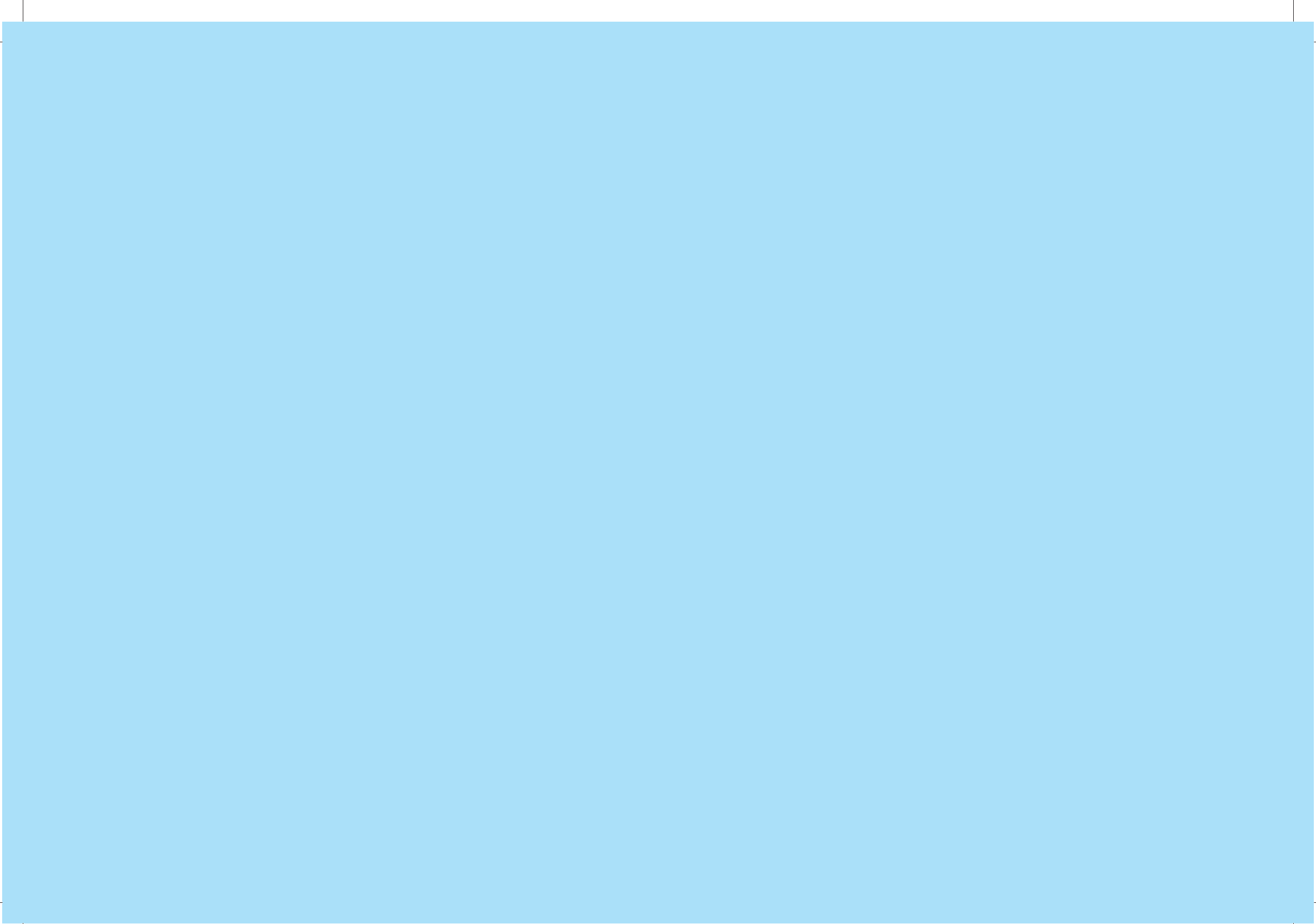
VENDA PROIBIDA

Rosa Morena
Ilustrações Leimisson Casimiro

Pedro, O menino do Mar



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação





Rosa Morena
Ilustrações Leimisson Casimiro

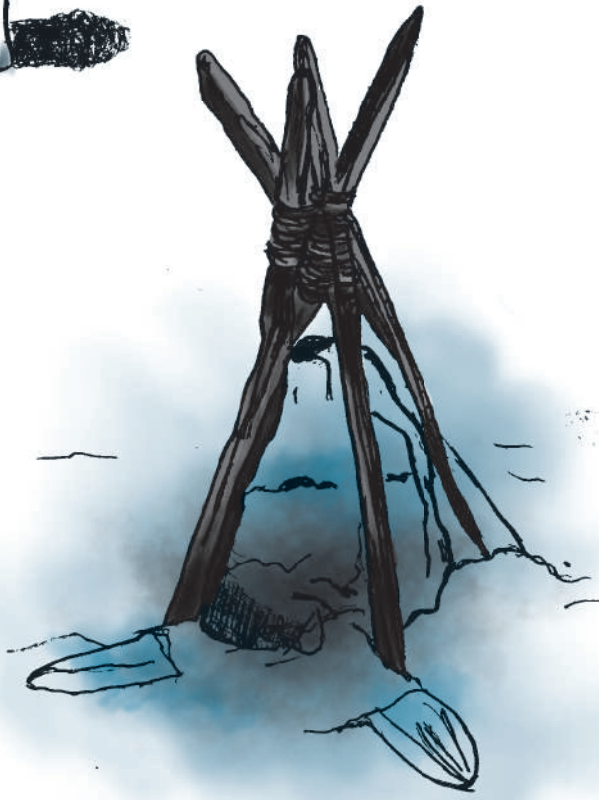
Pedro, O menino do Mar




GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

Fortaleza • Ceará

*Ao meu irmão Sebastião Herbeth, carinhosamente
chamado de Betinho, e a Odorico, pescador da
Praia de Dois Coqueiros (in memorian), ofereço
esta história de puro afeto às coisas do mar.*



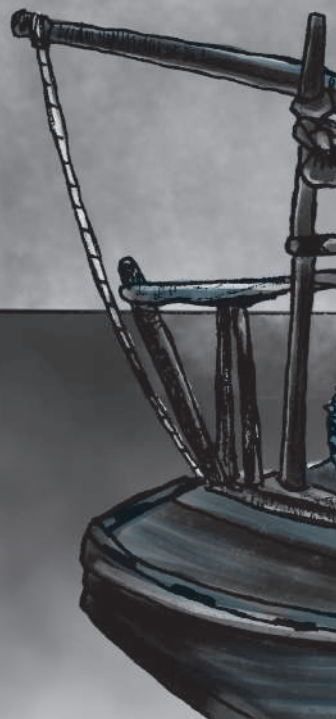


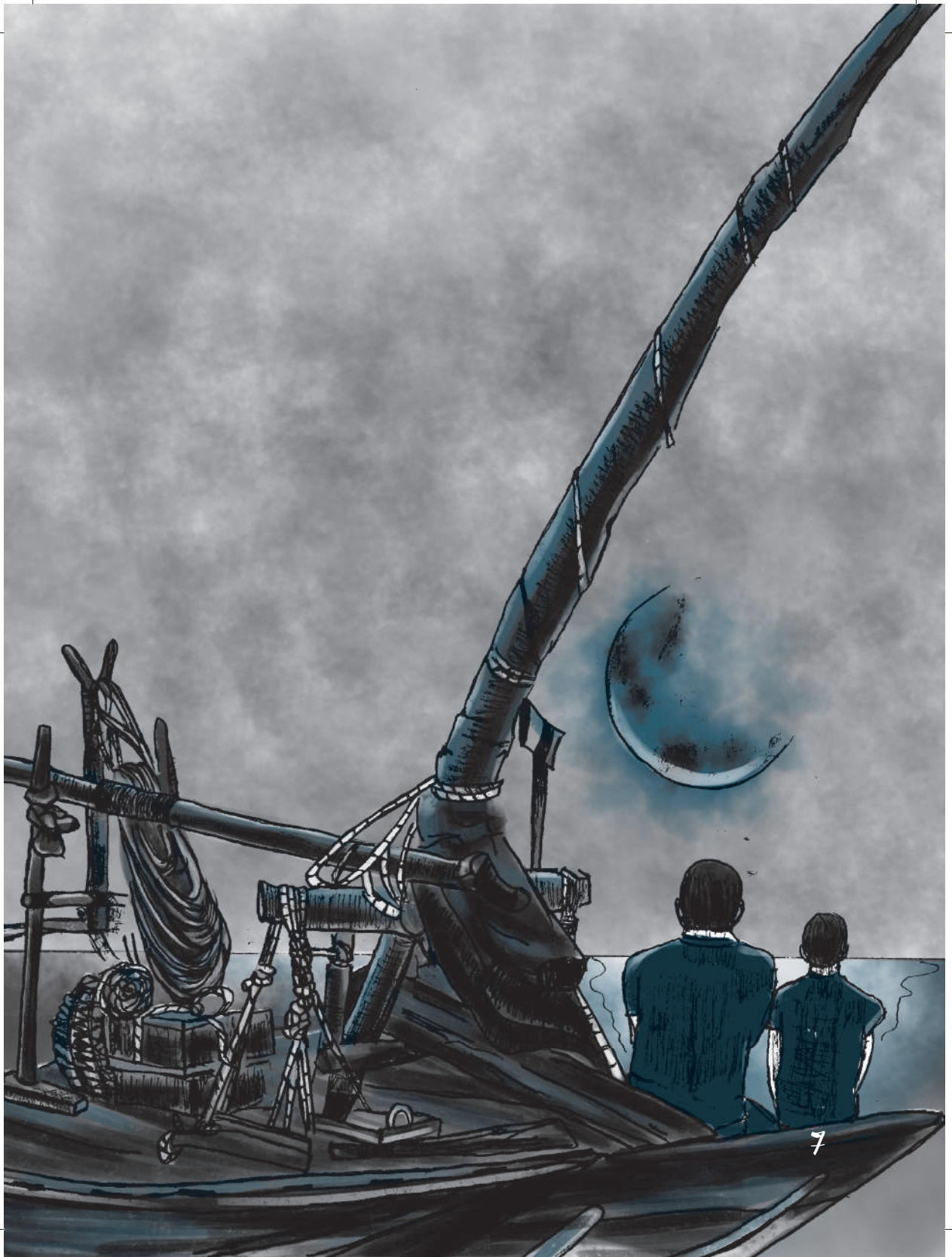
Pedro morava na Vila da Praia, uma colônia de pescadores, desde que ele era pequeno. O pai, pescador, lhe ensinou a gostar das coisas do mar. O menino, aos seis anos, aprendeu a nadar. Gostava de cheiro de maresia e de vento no rosto. Todos os dias, ele se divertia a brincar nos manguezais. Aproveitava o Sol da manhã, enquanto a mãe apanhava caranguejos, ostras e siris para vender no mercado.

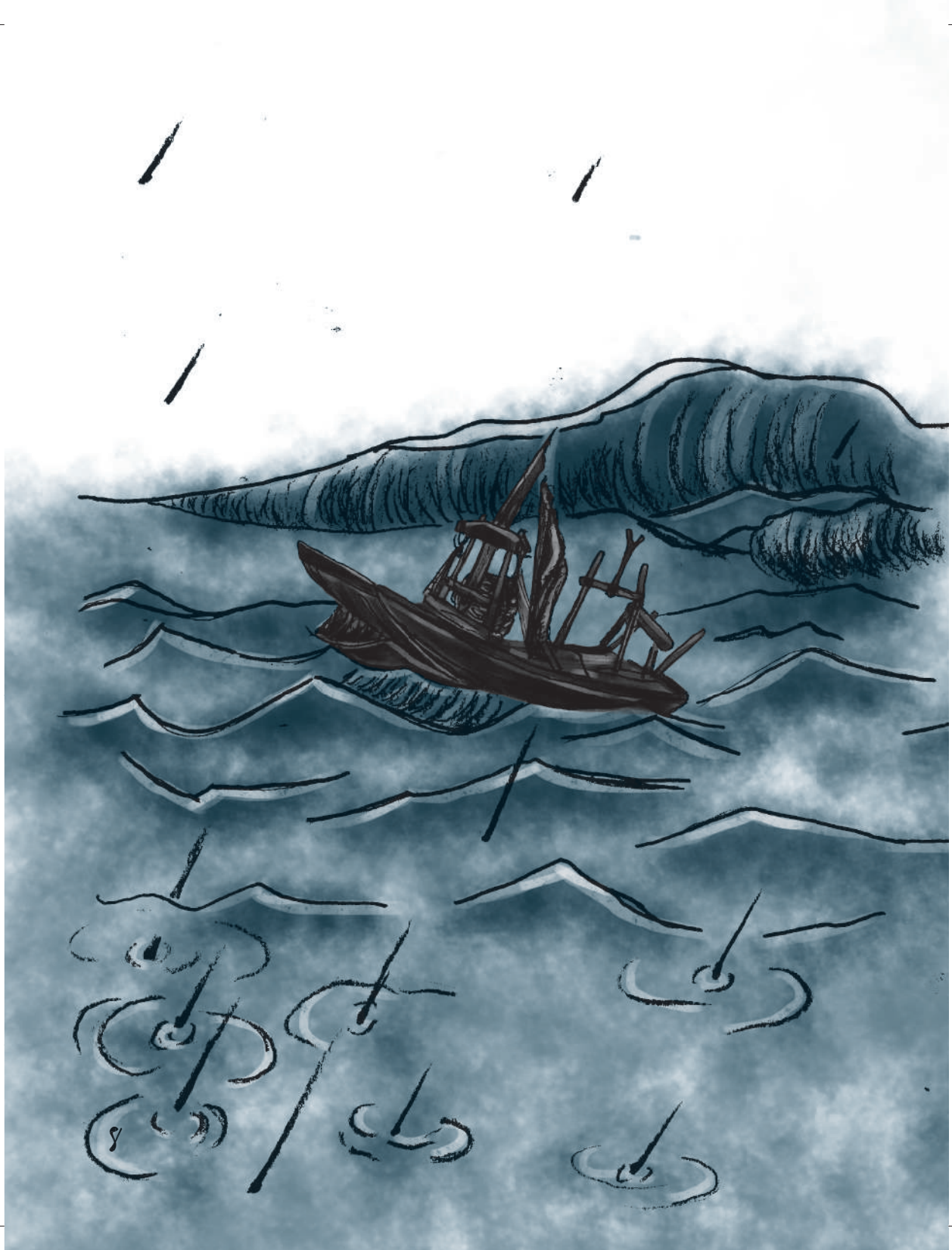
O pai ensinava ao filho sua profissão e explicava, pacientemente, como jogar a tarrafa, consertar as redes e pegar mariscos e peixes; também ensinava como ler as mensagens do tempo; os melhores horários para pescaria, as fases da lua e o movimento das marés. Isso era importante para um pescador. Orgulhoso da disposição e da coragem do garoto, exibia-o para os amigos:

— Meu filho vai ser o melhor pescador dessas bandas dos Dois Coqueiros.

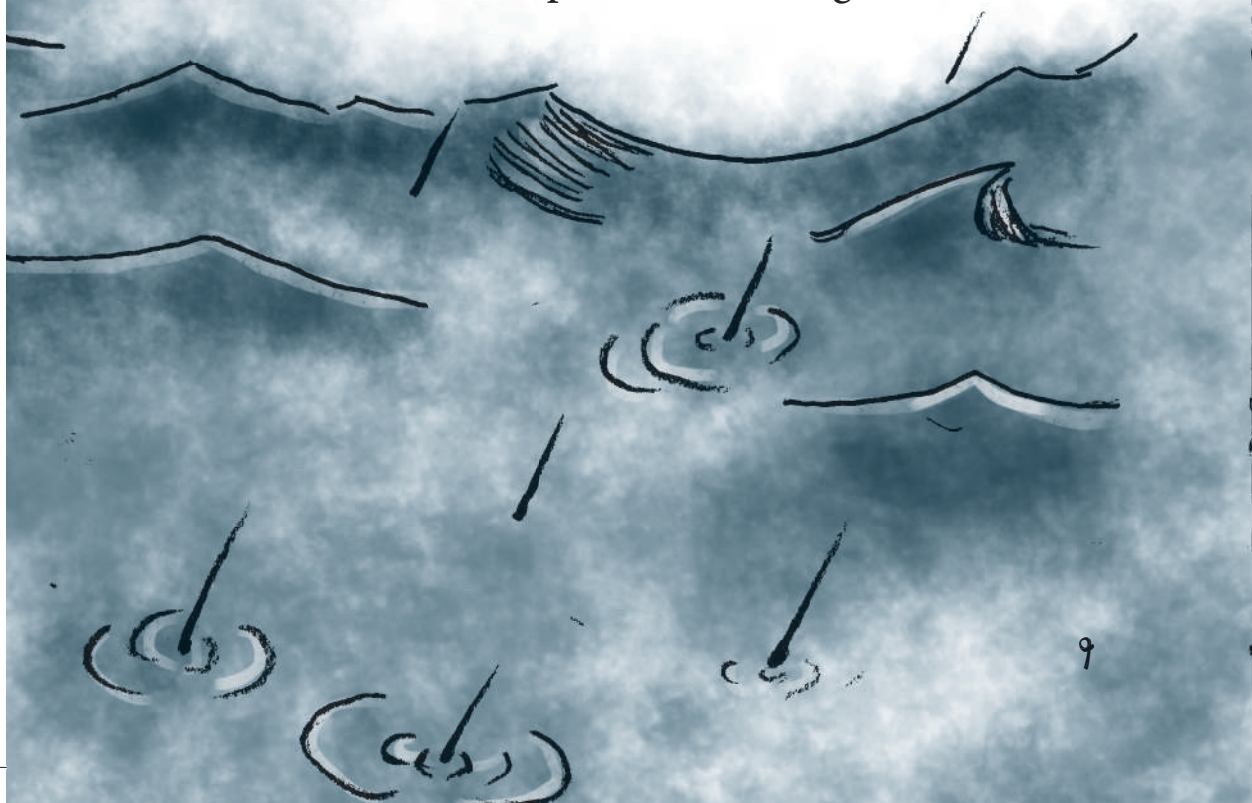
No primeiro dia de férias, Pedro acordou de madrugada feliz e apressado para acompanhar o pai. Não se despediu da mãe com o costumeiro abraço, não tomou seu café e tampouco lembrou-se de levar seu pequeno cesto. Sem muita demora, os dois prepararam o barco com as provisões e alcançaram, ainda na madrugada, o alto-mar. Pedro entendeu o que era liberdade, naquele mar infinito, na companhia da lua que parecia vir se banhar bem juntinho à embarcação.



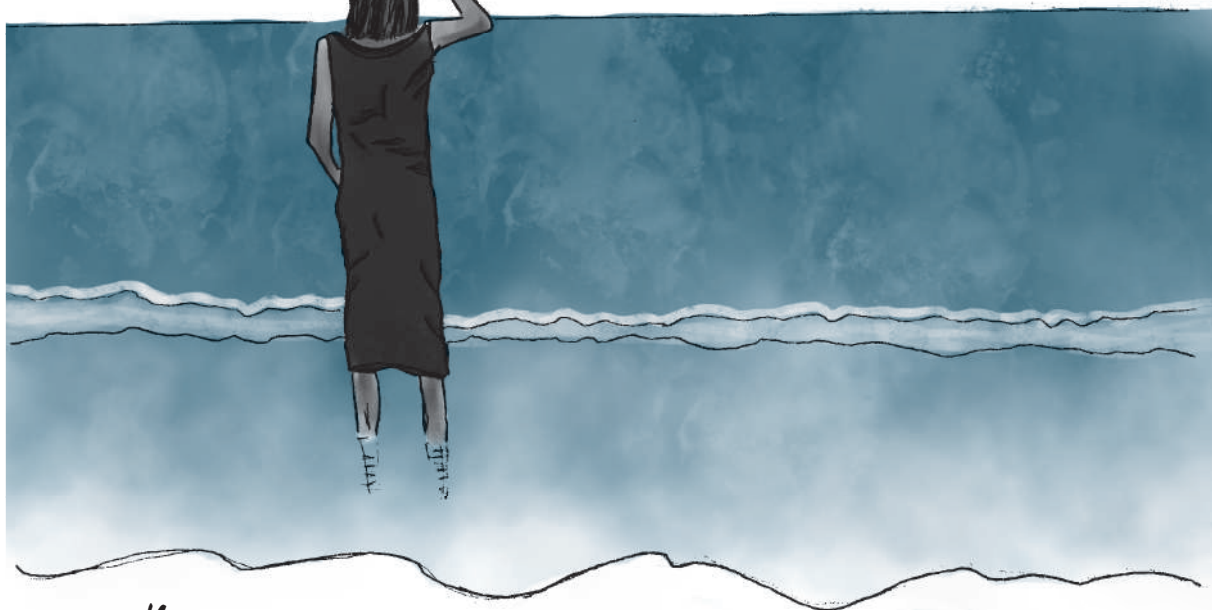


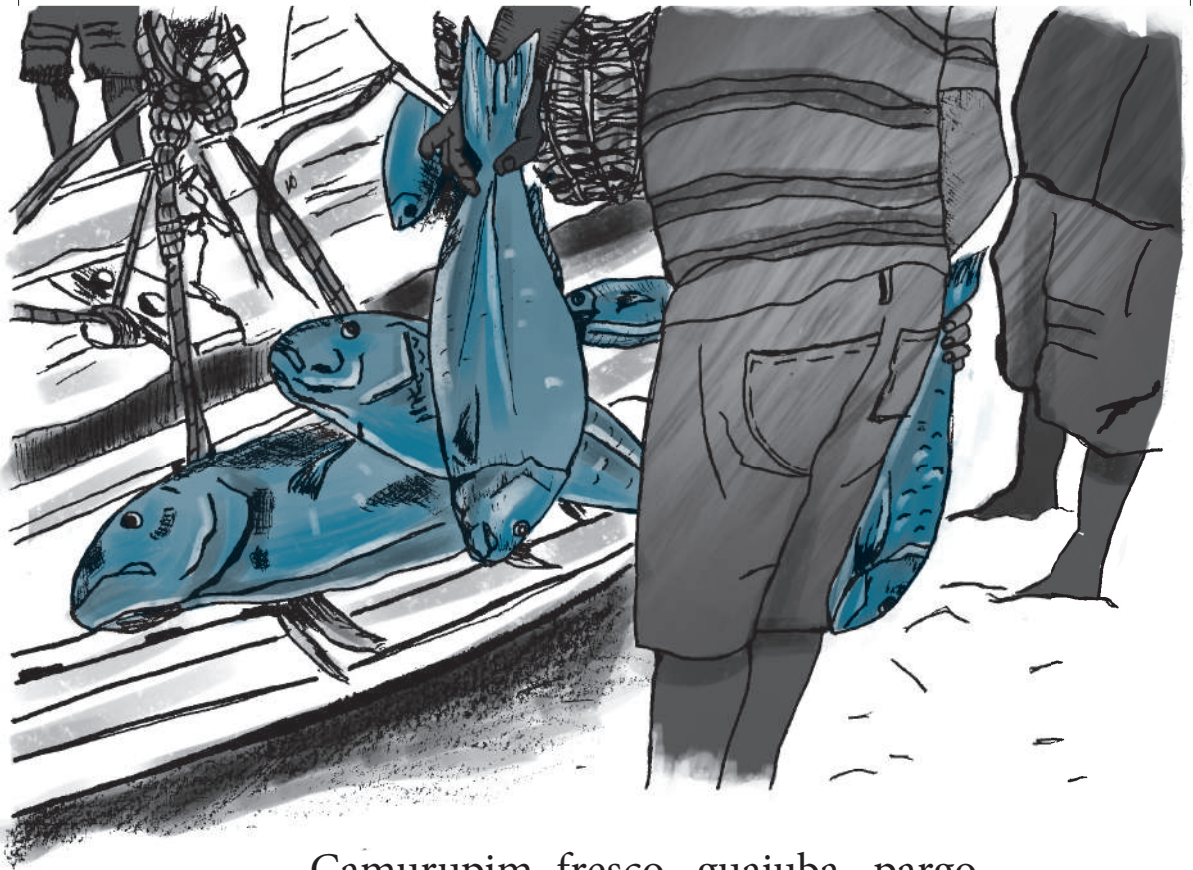


Os problemas começaram na noite seguinte: o mar estava tempestuoso, a chuva estava forte, o vento assoviava e, no céu, não se percebiam estrelas. Pedro acompanhava a aflição do pai, queria ajudá-lo, mas era ainda criança, comparado à força de gigante daquelas ondas. O barco balouçava, o pai gritava para que o filho se abaixasse. A água começou a varrer a proa e Pedro sentiu medo. A tempestade se confirmou e os dois foram arremessados para fora do barco e desapareceram nas águas.



Depois de alguns dias, a mãe de Pedro, aflita, postou-se na praia a buscar sinais do marido e do filho. Não avistou nada que pudesse acalmar seu coração. Outros jangadeiros desembarcavam com seus peixes. As vozes graves dos pescadores explodiam no ar:





— Camurupim fresco, guaiuba, pargo, serra, bonito e garoupa.

Os clientes procuravam preços mais baixos, e a mãe de Pedro ansiava por notícias:

— Chico Nego, viu a Rainha do Mar?

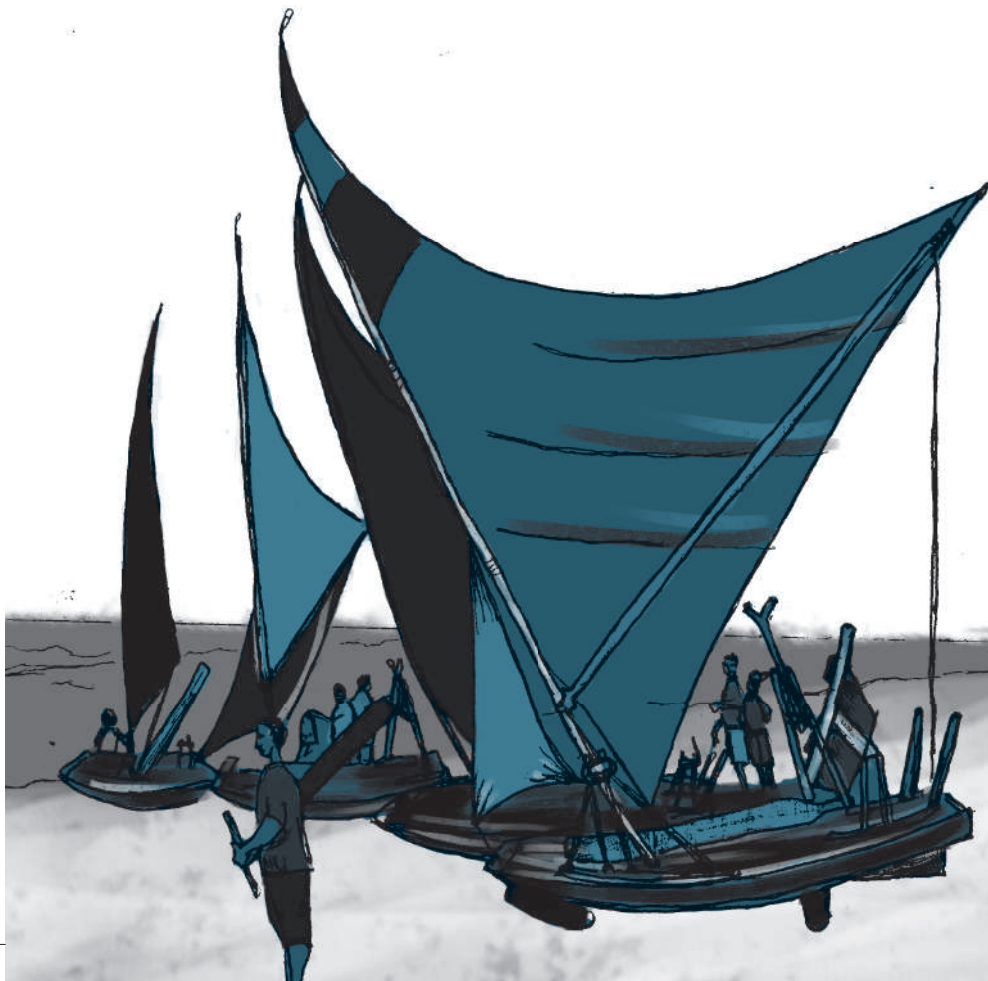
— Não. Edmar avisou que se afastaria do grupo, queria mostrar ao filho o velho navio abandonado. Devem estar apontando, se vexa não, Dona Mocinha!

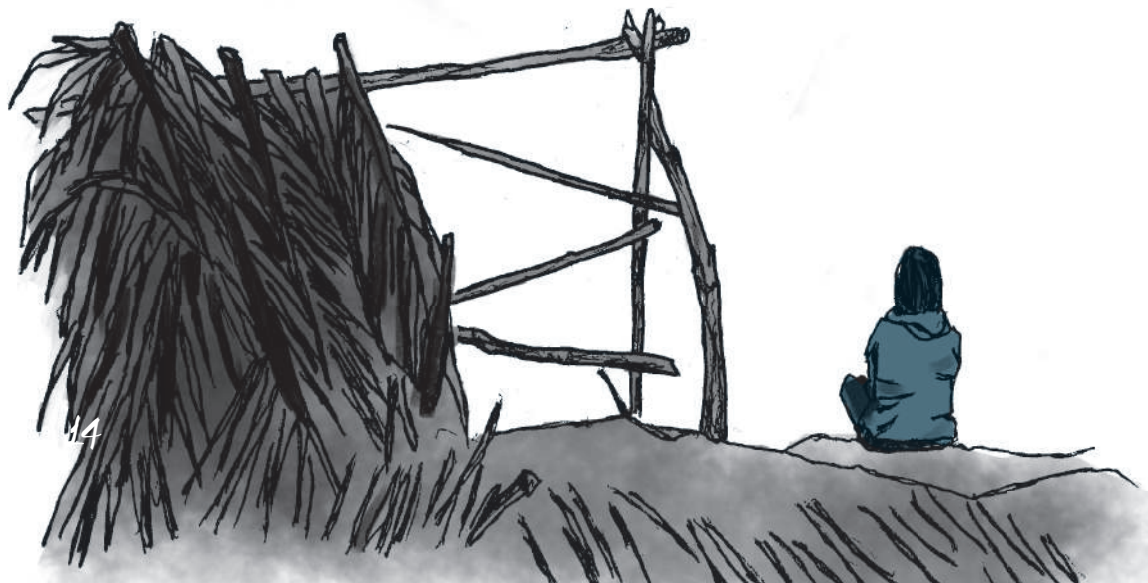
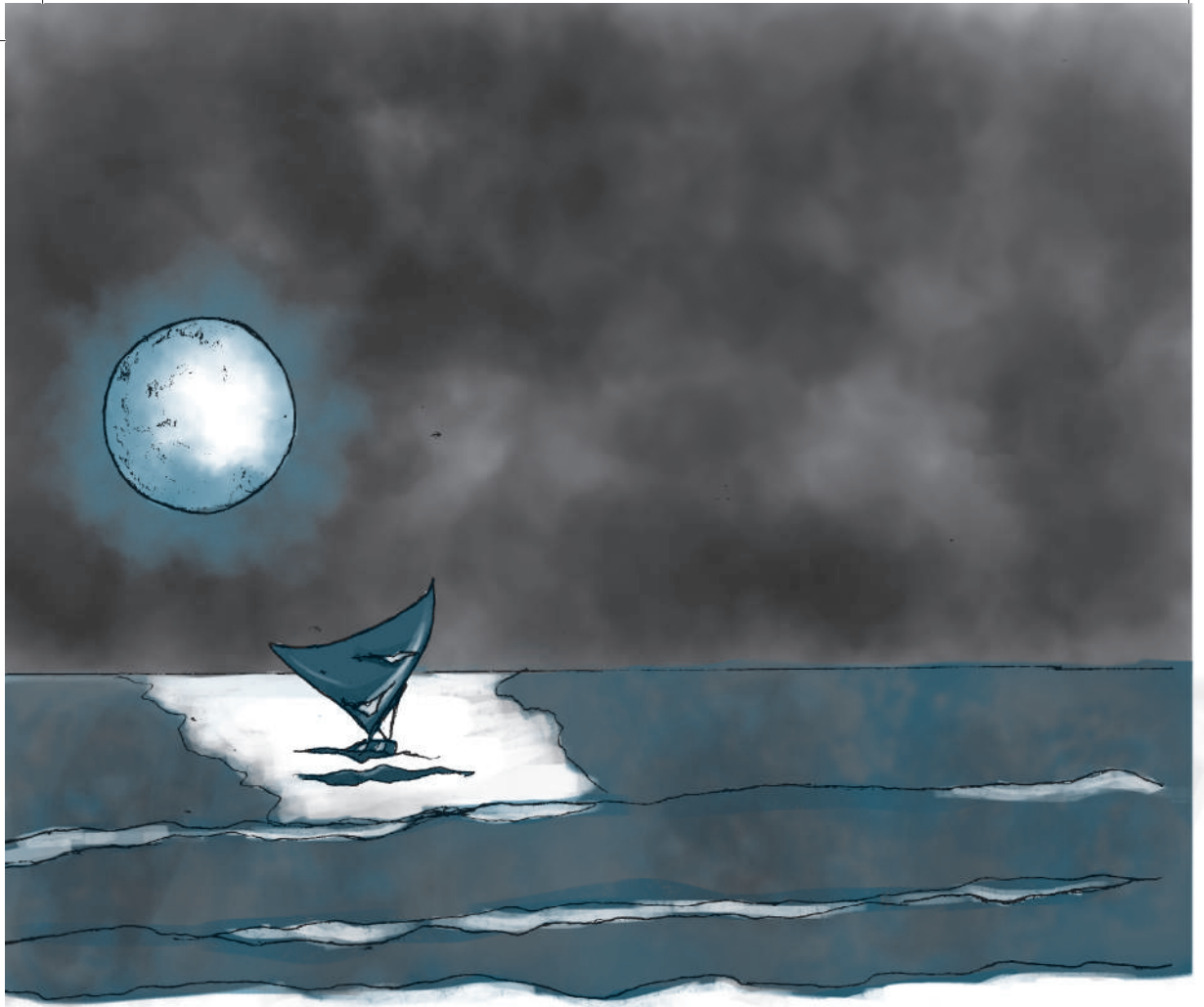
No entanto, os dois não apontaram.

As notícias do desaparecimento correram de boca em boca. Os homens arrastaram suas embarcações, içaram as velas. O mar se abriu à procissão de marinheiros. Dias e dias, nenhum sinal. Os pescadores retornaram cabisbaixos. Quebrando o silêncio, a voz firme do Chico Negro ecoou:

— Agora é esperar que o mar entregue os corpos. Ele sempre entrega, só fica com o que lhe pertence.







Joana das Rendas, ouvindo aquelas palavras, pensou se Edmar e Pedro não pertenceriam ao mar.

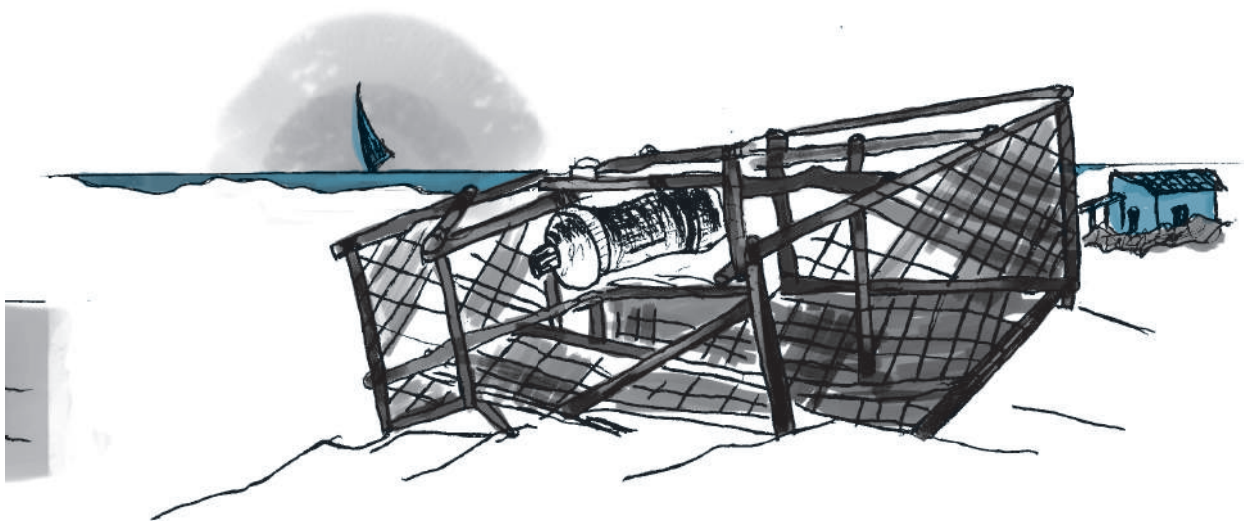
O coração de Mocinha não perdia as esperanças. Permanecia dia e noite à espera dos seus. Numa noite de luar, sentou na areia e viu um vulto que parecia uma vela. Esfregou os olhos na tentativa de enxergar todos os detalhes. A aproximação era lenta e uma aflição a percorreu. Pouco a pouco, percebeu que só havia uma pessoa dentro do barco. Começou a gritar e muitos moradores foram chegando à praia com os olhos fixos na água.

— É o Pedro! – gritavam uns.

— É o Edmar! – gritavam outros.

Muitos pularam na água para ajudar a trazer o barco à areia e, agora, tinham a certeza de que Pedro havia sido engolido pelas ondas, e Edmar retornara.





Os dias eram tristes, até o vento se calou em seus assovios, após o desaparecimento do menino. No aniversário do filho, a mãe, sentada na praia, avistou um barco e inquietou-se:

— Não há ninguém, aqui da vila, em alto-mar. Quem será?

Levantou-se em desespero e entrou nas águas geladas. A aproximação da embarcação era lenta. Edmar, que estava chegando à praia, ficou paralisado.





As pessoas entravam na água como peixe afoito em tempo de maré alta. Era Pedro, conduzido por um pescador que há muito havia desaparecido, o velho Odorico. A euforia tomou conta de todos e, na colônia de pescadores, a noite foi de festa. Os dias foram coloridos por histórias, canções e brincadeiras, próprias dos festejos dos povos do mar.



Rosa Morena

Sou Rosa Morena, nasci na cidade de Itapipoca, no Ceará, e ainda na infância mudei com a família para Fortaleza. Estudei Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará. Gosto de ler e escrever e, nessa caminhada, já escrevi os livros: *Movimentos Intransitivo*, *Jaci, a filha da Lua* e *Micropoemas*. É uma alegria compartilhar mais uma história com vocês - *Pedro, o menino do mar*. Acredito que a literatura é a fada mágica que nos faz perceber o mundo e a nós mesmos, contribuindo para uma experiência de vida mais prazerosa e crítica. Boa Leitura!



Leimisson Casimiro

Olá! Meu nome é Leimisson Casimiro da Silva. Nasci no ano de 1985, na cidade de Beberibe-CE, cidade que vai do litoral ao sertão. Em 1998 vim morar em Fortaleza, lugar que tenho grande afeto. Sou Tecnólogo em Artes Plásticas e Licenciado em Artes Visuais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) Artista visual, Professor de Arte da rede municipal de Fortaleza e amante da natureza. Pesquiso sobre o ensino e a prática da arte contemporânea na escola. Como artista participei de exposições no MAUC, na Galeria Antônio Bandeira, sendo a exposição CONTER, a mais recente, no Sobrado Dr. José Lourenço.